Dr. James S. Spiegel, Ética Cristã, Sessão 7, Teoria do Comando Divino

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James S. Spiegel em seu ensinamento sobre Ética Cristã. Esta é a sessão 7, Teoria do Comando Divino.

Certo, tendo agora pesquisado as principais teorias morais, utilitarismo, ética kantiana, ética da virtude e teoria do contrato social, vamos nos voltar agora para abordagens mais religiosas ou teológicas à ética, começando com a Teoria do Comando Divino.

E a partir daí, falaremos sobre a ética da lei natural. Então, a Teoria do Comando Divino, em termos simples, é a visão de que ações particulares são certas ou erradas simplesmente porque Deus diz isso. Deus emitiu todos os tipos de comandos nas escrituras.

Alguns desses são comandos muito gerais, como amar o Senhor teu Deus com todo o teu coração, mente, alma e força e amar o teu próximo como a ti mesmo. Alguns são comandos muito específicos, como as várias exortações que recebemos nas epístolas paulinas e outros livros bíblicos. No livro de Levítico, temos todos os tipos de leis de casos que explicam situações muito específicas que podem envolver moldes ou emissões corporais e o que fazer nessas circunstâncias particulares.

Há dezenas, se não centenas, dessas. Então, dos princípios morais mais abstratos e gerais aos comandos particulares muito concretos sobre situações específicas, as escrituras estão cheias de comandos. O significado dos comandos divinos, quando se trata apenas de pensar sobre ética e dar sentido aos nossos conceitos de obrigação e dever moral, é que esses comandos nos vinculam a um certo padrão.

Você pode dizer que os comandos divinos têm um efeito vinculativo. Na palavra obrigação, o termo raiz é *legare*, que significa vincular. Esse termo latino significa literalmente vincular.

Qualquer um que tenha uma obrigação, etimologicamente, olharia para isso. Bem, faz sentido que tenhamos essa associação com estar vinculado de alguma forma. Usamos a frase *duty bound*.

Não posso ir com você ao cinema hoje à noite. Por quê? Porque tenho o dever de fazer essa outra coisa. Eu disse ao meu amigo que faria essa tarefa para ele ou faria isso ou aquilo.

Há um tipo de ligação que associamos a uma obrigação. Os comandos divinos impõem obrigações no sentido de que nos ligam a qualquer padrão de Deus. Então, essa é uma ideia básica na teoria do comando divino.

Deus faz comandos , e só porque Deus fez esses comandos, somos obrigados a obedecê-los. Agora, essa é uma teoria popular entre os cristãos, e acho que fica ainda mais claro no fato de que quando os cristãos são questionados sobre sua visão sobre uma questão específica, alguma questão moral, mesmo que eles não se considerem teóricos do comando divino, o fato de que seu primeiro impulso é ir às escrituras e ver o que Deus diz sobre essa questão específica. Ou o que há nas escrituras que pode se aplicar a essa questão, seja aborto, eutanásia, pena de morte, legalização das drogas ou o que quer que seja?

Vamos às escrituras e vemos o que Deus nos instruiu a fazer. Ele está nos dizendo como devemos viver nossas vidas. Vamos consultar isso, e então saberemos qual é o curso de ação correto.

Bem, por muito tempo, céticos, céticos religiosos, ateus e agnósticos têm rejeitado a teoria do comando divino usando um argumento que Platão nos deu, na verdade Sócrates, em um dos diálogos de Platão, o Eutífron. Isso agora é chamado de Dilema de Eutífron, que, se você for a qualquer site ateu, em algum momento, verá esse argumento feito contra a teoria do comando divino. Você não precisa de ateus para sustentar que vocês, cristãos, são tão ingênuos e tolos a ponto de pensar que poderiam encontrar ética em Deus.

Você não sabe que Sócrates refutou isso há 2.500 anos? Então, o Dilema de Eutífron basicamente argumenta que se você é um teórico do comando divino, você é forçado a escolher entre uma de duas opções diferentes, ambas bastante desagradáveis. No contexto do diálogo de Platão, o Eutífron, isso emerge de uma conversa entre Sócrates e um indivíduo que está esperando do lado de fora do salão do Rei Arconte, que é um magistrado que preside disputas religiosas. Sócrates espera para ver esse magistrado em particular, e Eutífron e Sócrates começam essa conversa. Eutífron pergunta a ele por que ele está lá.

Ele explica que foi criado sob acusações de impiedade, corrupção da juventude e invenção de deuses falsos, como se vê, porque Sócrates acreditava apenas em um deus, em vez de todo o panteão grego. Bem, o que você está fazendo aqui, Sócrates pergunta a Eutífron. Ele diz, bem, estou processando meu pai por assassinato.

É isso mesmo? Uau, seu próprio pai? Sim. O que ele fez? Bem, ele matou um servo. Bem, o que aquele servo fez? Houve algo que ele fez que fez seu pai reagir tão fortemente? Sim, de fato, ele matou outro servo.

Então, você tem um escravo que matou um escravo, e seu pai matou o escravo que assassinou. Como isso aconteceu? Bem, ele o amarrou. Ele ia chamar algumas autoridades, obter ajuda, e ele o amarrou e o jogou em uma vala, e enquanto ele ia obter ajuda, aquele servo morreu.

Então, seu pai matou um assassino, e você está processando ele agora. Isso mesmo. Uau, isso é impressionante.

Você realmente deve ter um bom senso do certo, do justo e do bom para ser tão ousado a ponto de processar seu próprio pai por assassinato. A resposta de Eutífron é, bem, na verdade, sim, eu tenho um bom e agudo senso do certo e do errado, e sei que estou certo aqui. Bem, você poderia me ajudar aqui e apenas me dizer, já que eu, Sócrates, estou sendo perseguido por impiedade, eu realmente poderia usar sua percepção sobre qual é a diferença entre o que é piedoso e o que não é.

Você poderia definir para mim o que é piedade e o que é bondade? E Eutífron começa com uma definição bem fraca que é muito específica. Ele inicialmente define bondade como processar o malfeitor por seu crime. Ok, estamos procurando por algo mais geral do que isso.

Certo. A melhor definição que ele dá é bondade ou piedade é o que todos os deuses amam e o que todos os deuses odeiam. Isso é impiedade.

Isso é maldade, erro. Ah, ok. Sócrates diz que é definitivamente melhor do que suas outras definições.

Só mais uma coisa. Você poderia responder a essa pergunta para mim? Claro. Os deuses amam a piedade porque ela é boa, ou ela é boa porque eles a amam? O quê? Isso parece uma pergunta meio insignificante.

Na verdade, não é. Se eles amam porque é bom, isso mostra que há algo mais além do amor dos deuses que o tornou bom. Se é bom porque é amoroso, se é bom porque eles amam, então a questão é, bem, por que eles amam? Então, de qualquer forma, você está meio preso.

Eventualmente, Eutífron sai, muito irritado, como costuma ser o caso com Sócrates e suas entrevistas. Provavelmente foi isso que o matou. Eram pessoas simplesmente irritadas com o sujeito.

Então, podemos adaptar, como muitos fizeram, esse problema de Eutífron a um contexto monoteísta, especificamente um que tenha a ver com comandos divinos. Aqui está. Deus comanda algo porque é bom, ou algo é bom porque Deus o comanda? Agora, se dissermos que Deus comanda X, seja lá o que for, porque é

bom, isso implica que a bondade é definida independentemente da vontade de Deus.

E isso derrota a posição desde o início. Se você adota a última visão e diz que algo é bom porque Deus o ordena, então isso apenas levanta a questão: por que Deus o ordena? E isso nos leva de volta à questão original. Ou você poderia, como na verdade, os muçulmanos adotam essa abordagem. Eles diriam que Deus pura e simplesmente ordena o que ele faz.

Ele poderia tornar qualquer coisa justa se quisesse. Ele poderia ter ordenado estupro, ele poderia ter ordenado tortura, ele poderia ter ordenado abuso infantil, e todas essas coisas seriam boas. Mas ele simplesmente ordenou as coisas que fez.

E isso parece problemático para muitos de nós. Espere um minuto, parece que há algo tão errado com essas coisas que Deus ordenando-as não as tornaria boas por si só. Então, como escapamos desse dilema? Parece que qualquer uma das escolhas é ruim.

O que fazemos? O filósofo contemporâneo da religião Richard Swinburne aborda isso dizendo que os dois chifres do dilema se aplicam a dois tipos diferentes de verdades morais. Então, ele distingue entre verdades morais necessárias e contingentes. Verdades morais necessárias são verdadeiras em todos os mundos possíveis.

Elas tinham que ser verdadeiras, e não poderiam ser de outra forma. Verdades morais contingentes, no entanto, são verdadeiras por causa de certos fatos sobre este mundo. Então, de acordo com Swinburne, Deus ordena ações obrigatórias necessárias apenas porque elas são boas em si mesmas.

Aja com justiça; seja verdadeiro, por exemplo. Mas ações obrigatórias contingentes são boas porque Deus as ordena especificamente que você pague essa dívida a essa pessoa.

Você deve dizer a verdade a essa pessoa em particular; elas são contingentes às circunstâncias da vida. E então, Deus nos ordenou a obedecer a certas regras em certos contextos.

Essas seriam ações obrigatórias contingentes, em oposição àquelas que são necessariamente assim e não poderiam ser de outra forma. Essa é a maneira de Swinburne lidar com isso. Não sou muito fã disso.

Eu prefiro muito mais a solução de Aquino. Sua maneira de lidar com isso é dizer que Deus comanda as coisas que ele comanda não por causa da natureza das ações, mas por causa de quem ele é. É sua natureza que é o padrão para a bondade.

Seus comandos simplesmente aplicam sua natureza, por assim dizer, ou nos dizem o que sua natureza implica sobre aquela situação ou contexto de vida em particular. Então, seus comandos nos fazem conhecer a natureza de Deus. De muitas maneiras, eles nos dizem para nos conformarmos com a natureza de Deus.

Então, quando ele diz para não assassinar, é porque Deus está vivo e ele é justa. Quando ele nos diz para honrá-lo acima de todas as coisas, isso não é arbitrário. É porque a natureza de Deus é tal que é sempre certo e melhor considerá-lo primeiro acima de todas as coisas.

E assim por diante para todos os comandos que Deus faz. Existem tantas maneiras de comunicar a natureza de Deus para nós. Ele é o padrão para a bondade.

Então, Deus ordena o que ele ordena por causa de quem Deus é. Então, o propósito dos mandamentos bíblicos não é criar certas verdades morais. Essas verdades morais são eternas.

O propósito dos comandos bíblicos é epistemológico, para nos informar sobre o que é moralmente verdadeiro e bom. E, claro, tudo isso é um fluxo de quem Deus é e qual é sua natureza. Então, os comandos bíblicos são essencialmente epistemológicos.

Eles não criam verdades morais, e não nos relatam o que alguns dos padrões acima de Deus nos disseram. Não, eles estão nos relatando as implicações da natureza divina para nossos vários modos de conduta. Essa é a maneira tomista de resolver o Dilema de Eutífron.

Peter Geach, um filósofo católico de longa data, tem uma visão interessante sobre a ética do comando divino. Ele sustenta que nem todo conhecimento moral depende do conhecimento de Deus porque ele diz que qualquer suposta revelação divina deve ser avaliada em termos morais, filosoficamente, para que possamos reconhecer que essa é uma comunicação plausível de Deus. Trazemos certas intuições filosóficas e morais para nossa leitura das escrituras, e é por isso que aqueles de nós que julgam as escrituras como sendo de Deus, é por isso que julgamos que sejam assim.

Então, até mesmo nossa avaliação das escrituras e os padrões morais que temos lá são eles mesmos filosóficos, ele diz. Novamente, ele é um católico devoto. Ele era o marido de GEM Anscombe, que foi a filósofa que desafiou CS Lewis em um capítulo da primeira edição de seu livro sobre milagres que teve um efeito tão forte em Lewis.

Ele levou isso muito a sério. Ele era um filósofo de primeira linha, e Geach e Anscombe eram uma ótima equipe. Então, de qualquer forma, é a visão de Geach que, uma vez que certo conhecimento moral precede o conhecimento de Deus, algum conhecimento moral é independente do conhecimento de Deus.

Não sou particularmente simpático a isso, mas esse é um ponto de vista importante que estaria mais em casa na tradição da lei natural. Falaremos sobre a ética da lei natural a seguir. Então, a indesejabilidade geral de certos atos como mentira, infanticídio, adultério, ele diz, entre aspas, é em si uma promulgação da lei divina que proíbe absolutamente tais práticas.

E isso é verdade, ele diz, mesmo que alguém não perceba que isso é uma promulgação da lei divina, mesmo que ele não acredite que há um Deus, e que, novamente, isso é apenas ética da lei natural. Que Deus está escrito em nossos corações. A lei de Deus, quero dizer, essa é a metáfora do apóstolo Paulo em Romanos 2, eu acho, escrita em nossos corações é a lei de Deus.

Mesmo independentemente de ler as escrituras, sabemos o que é certo e errado, e é por isso que quando abordamos as escrituras, trazemos uma certa estrutura moral que pode nos permitir avaliar o que a Bíblia está nos dizendo sobre como devemos viver moralmente está basicamente no caminho certo. Isso é por causa dessa consciência inata da lei de Deus. Então, da próxima vez, falaremos sobre ética da lei natural, mas essa é a teoria do comando divino.

Este é o Dr. James S. Spiegel em seu ensinamento sobre Ética Cristã. Esta é a sessão 7, Divine Command Theory.